

Padre Fernando Augusto da Silva

E

Carlos Azevedo de Meneses

## CONVENTOS



**Edição Electrónica**

**NESOS**

**Convento da Incarnação.** A fundação do convento de Nossa Senhora da Incarnação foi inspirada por um sentimento do mais puro e ardente patriotismo. O cónego Henrique Calaça de Viveiros fizera votos de levantar um mosteiro em honra e louvor da Virgem da Incarnação, a quem era muito devotado, quando o seu pais se libertasse inteiramente do férreo jugo castelhano e retomasse a sua antiga independência. Cumpriu religiosamente o seu voto, fazendo erguer o modesto convento no ano de 1650. O cónego Calaça nasceu por 1589 e morreu a 25 de Maio de 1662. O seu retrato em tamanho natural, que ainda há poucos anos se encontrava no coro do mosteiro, conservava num dos ângulos da tela os seguintes dizeres: Retrato natural do cónego Henrique Calaça de Viveiros, fundador deste convento. Faleceu, em 25 de Maio de 166S, em idade de 13 anos.

Diz o dr. Álvaro de Azevedo: «...principiou por uma capella, que se presume fora instituída por António Mialheiro, finado em 1565; D. Isabel Maria Acciaioli mandou fazer capella-mór; e depois, em 1650, o cónego Henrique Calaça de Viveiros fundou o mosteiro...». Destas palavras se conclui que a fundação do convento pertence ao cónego Calaça, tendo porém aproveitado a capela já ali existente. A vasta cerca fazia parte duma excelente quinta que o fundador possuía naquele sítio.

Parece que começou por ser um recolhimento com o nome de Santa Teresa de Jesus, seguindo as recolhidas a ordem terceira do Carmo e tendo ali dado entrada no ano de 1652. Só em 1660 é que foi transformado em mosteiro, sob a regra franciscana de Santa Clara, sendo sua primeira abadessa uma religiosa do convento de Santa Clara, escolhida pela autoridade eclesiástica. Foi no ano

---

---

referido de 1660, isto é dois anos antes de morrer, que o cónego Calaça de Viveiros doou todos os seus bens ao convento de que tinha sido o fundador.

O mosteiro e igreja sofreram importantes reparos por meados do século XVIII, sendo então construído um novo e vasto coro, em substituição do antigo, que era de acanhadas dimensões. Para estas obras contribuiu a fazenda real com um conto de réis, o que foi concedido pelo alvará régio de 10 de Fevereiro de 1750. No ano seguinte concorreu também a fazenda real com 750\$000 réis para a construção do grande muro que ladeia a estrada que conduz à igreja de Santa Luzia.

As freiras da Incarnação tiveram que abandonar o seu convento quando os ingleses ocuparam pela segunda vez esta ilha no período decorrido de Dezembro de 1807 a Outubro de 1814. As tropas britânicas instalaram-se principalmente no colégio dos jesuítas, que então servia de seminário, e no convento da Incarnação, saindo as religiosas para o mosteiro de Santa Clara no dia 7 de Janeiro de 1808. Para a conveniente acomodação e aquartelamento das forças inglesas, fizeram-se ali várias obras, que bastante danificaram o edifício, tendo sido a igreja transformada em templo anglicano. A fundação patriótica e genuinamente católica de Henrique Calaça, estava ocupada por tropas estrangeiras e dedicada a um culto herético!

Para o efeito das execuções das leis de desamortização, foi este convento avaliado, por mandado do governo, em Agosto de 1862, tendo a avaliação computado em 10.320\$000 réis o valor do edifício, igreja, cerca, casa do capelão, etc.

Por uma portaria de Junho de 1895, foi provisoriamente concedido o edifício

---

---

da Incarnação para nele se instalar uma oficina de São José, que ali teve uma precária e arrastada existência e cuja duração foi muito curta.

Ao bispo desta diocese D. Manuel Agostinho Barreto foi concedido o edifício, igreja e cerca do convento da Incarnação, por decreto de 11 de Julho de 1905, para ali se edificar uma casa destinada à instalação do Seminário Diocesano, que começou a funcionar em Outubro de 1909 no vasto e belo edifício que o ilustre prelado fez construir à sua custa no local do antigo mosteiro (V. Seminário).

A lei de 20 de Abril de 1911 extinguiu o seminário do Funchal, e neste edifício se instalou, alguns anos depois, uma Escola de Utilidades e Belas Artes, que teve poucos anos de existência. (V. Escola de Utilidades e Belas Artes).

No edifício onde funcionaram o Seminário e a Escola de Belas Artes, foram, em Setembro de 1919, instaladas as diversas repartições da Junta Geral do distrito, que para esse fim obteve esta casa por compra feita ao Estado.

O decreto de 25 de Abril de 1927 mandou entregar à Comissão Diocesana do Culto o edifício do Seminário da Incarnação, mas a Junta Geral fez uma tenaz oposição a essa entrega, que somente veio a, verificar-se no mês de Outubro de 1933, depois duma porfiosa luta de seis anos. Nesse referido ano passou novamente o seminário diocesano, com os seus múltiplos serviços de aulas e de internato dos alunos, a funcionar no edifício mandado construir pelo eminente prelado D. Manuel Agostinho Barreto.

Acerca da fundação deste mosteiro deve ler-se o opúsculo que o «Arquivo Histórico da Madeira» publicou sob o título de A Restauração de Portugal e o

---

---

Convento da Incarnação, Lisboa, MCMXL, de 50 págs.. A última freira do convento da Incarnação, a madre Vicência Violante do Céu, faleceu a 20 de Abril de 1890.

**Convento das Mercês.** Começou este convento por uma casa para recolhidas, sem carácter religioso nem observância de regras canónicas para as internadas. Foi fundada por Gaspar Berenguer de Andrade e sua mulher D. Isabel de França Andrade, no ano de 1054. Os fundadores transformaram em 1658 esta casa em recolhimento religioso, sujeitando-se as recolhidas a uma regra ou estatuto moldados por algumas casas monásticas. E finalmente, por alvará régio do ano de 1663, confirmado em 1665 pelo Papa Alexandre VII, se elevou este recolhimento a um mosteiro da primeira ordem de Santa Clara, de severa e estrita observância, que deste modo se manteve sempre através dos tempos e até o momento da sua extinção. Lemos algures que ao fundador foi concedido o direito de padroeiro deste convento, obrigando-se a dotá-lo com cento e sessenta mil réis em cada ano, ficando esta obrigação anexa ao morgadio do Lombo do Doutor, na freguesia da Calheta. Para a época em que foi feita, parece-nos muito exagerada esta dotação, que hoje corresponderia a uma quantia vem avultada.

Se o mosteiro de Santa Clara não foi um modelo na rígida observância das suas regras, pode no entretanto afirmar-se que o convento das Mercês deu o mais vivo e eloquente exemplo da prática de todas as virtudes cristãs, levada até a mais heróica austeridade e severa e contínua penitência. Era o verdadeiro cenáculo da oração, da recolhimento e do sacrifício, a que voluntariamente se entregavam as pessoas que iam ali procurar, como um áspero e afastado deserto, o seu completo afastamento do mundo e de todos os

---

---

seus apetevidos e encantadores atractivos. Houve neste mosteiro algumas religiosas que alcançaram a fama de grande virtude, nomeadamente a madre Brites da Paixão, a quem consagraremos um artigo especial no lugar respectivo.

O edifício primitivo, que era uma Construção modesta e assim se manteve até à sua demolição, sofreu no entretanto alguns importantes reparos no decorrer dos tempos, especialmente nos anos de 1746 e 1752, em que se gastou a quantia de 1.200\$000 réis, já importante para aquela época. Foi demolido em 1911.

Acerca da origem da fundação deste mosteiro, inserem as Saudades da Terra, a pág. 591 e seguintes, uma interessante lenda, que merece ser lida como documento do estado dos espíritos naquela época.

**Convento de Nossa Senhora da Piedade.** Por 1476 chegaram a esta ilha os irmãos João Baptista e Urbano Lomelino, que pertenciam às mais antigas e distintas famílias de Génova (V. Lomelino). Foi o segundo destes irmãos que fundou este convento e iniciou as obras de construção, que a morte não o deixou concluir. Falecendo em 1518, vinculou por testamento os seus bens a favor de seu sobrinho Jorge Lomelino e seus descendentes, com o encargo de concluir a edificação do convento, de o conservar e ainda de sustentar seis religiosos quando lhes faltasse as esmolas. Joana Lopes e Isabel Correia, mulher e sogra de Urbano Lomelino, edificaram a capela de Sant`Ana na igreja deste mosteiro, que servia de capítulo à comunidade, e nela foram sepultados. Jorge Lomelino morreu a 9 de Dezembro de 1548 e foi sepultado na igreja do mesmo convento.

---

---

«Extinctas as ordens religiosas, disse o anotador das Saudades em 1873, e por meio de renhido pleito que durou alguns annos, foi o convento restituído aos successores do instituidor, porque este, com previsão de que talvez seja exemplo único, isso determinava na respectiva verba testamentária, dado o caso de vir de futuro a ser extinto o convento».

Do convento e igreja, que com efeito passaram à posse dos descendentes do fundador, não restam hoje vestígios.

**Convento de Nossa Senhora da Porciúncula.** Ficava este convento de religiosos franciscanos da freguesia da Ribeira Brava, a pequena distância da igreja paroquial. Foi edificado pelos frades franciscanos em ano que não podemos determinar. Ainda há umas dezenas de anos se viam algumas ruínas da casa conventual e estavam de pé o frontispício e parte do corpo da igreja, que não era de dimensões muito acanhadas. Sobre o pórtico lia-se a data de 1730, que não sabemos se representa o ano da fundação do convento ou da construção da igreja, o que nos parece mais provável.

**Convento de Santa Clara.** Este convento foi edificado junto da igreja, da Conceição de Cima, mandada construir por João Gonçalves Zarco, que tinha então sua residência nas imediações da mesma igreja. Foi João Gonçalves da Câmara, filho do descobridor e segundo capitão-donatário do Funchal, que tomou a iniciativa da fundação deste mosteiro, não só para recolhimento de suas filhas, como de outras pessoas que desejavam seguir a vida monástica, o que então não podiam fazer no Funchal, por falta de casa religiosa destinada a esse fim.

---

---

A construção do convento começou em 1492, mas as primeiras religiosas somente deram ali entrada no ano de 1497. Foi por escritura de 11 de Setembro de 1480 que o fundador João Gonçalves da Câmara comprou a Rui Teixeira e Branca Ferreira, moradores no Campanário, a propriedade do Curral, que depois passou a chamar-se Curral das Freiras, pela importância «de 23\$500 réis de cinco ceitis ao real e 50 cruzados de ouro... a sua área era desde o Passo da Cruz e Ribeira dos Socorridos até onde ela nasce de arrife a arrife, de uma a outra, banda». Foi este prédio rústico, o mais vasto e importante que este convento chegou a possuir, que o fundador doou ao mosteiro por ocasião de nele serem admitidas as suas filhas como religiosas.

Já anteriormente tinha o infante D. Manuel, duque de Beja e depois rei, inculcado e feito sentir a necessidade da fundação dum convento de religiosas nesta ilha, na carta que, na qualidade de grão-mestre da Ordem de Cristo, a que este arquipélago pertencia, dirigira aos seus habitantes a 17 de Julho de 1488. Diz nesse curioso documento, que pela primeira vez encontramos no jornal O Reclame de 26 de Novembro de 1890, que o Sumo Pontífice lhe escrevera pedindo a fundação dum mosteiro na igreja da Conceição de Cima, acrescentando que «tanto que estas birdes bos ajumtees logo Em camara Com ho capitam E pratiquees todo muy bem E bos praza De Se asi fazer... me prazera de fazer para yso aquella esmola que bem me parecer e ao diante para mamtemça Das freyras folgarey Sempre De fazer toda a esmola que bem poder...». Ignoramos se foi o pedido do grão-mestre que determinou João Gonçalves da Câmara a fundar o convento quatro anos depois, e menos ainda sabemos se D. Manuel, que ascendeu ao trono em 1495, contribuiria para a edificação do mesmo mosteiro.

Como já se disse, os trabalhos de construção começaram em 1492, mas só foram dados por concluídos no ano de 1497, devendo em parte atribuir-se esta

---

---

lentidão no prosseguimento desses trabalhos à ausência do fundador e capitão-donatário que, ordenando e dispondo todas as coisas para a edificação e talvez ainda iniciando-a, se ausentou depois para o continente do reino, onde a permanência era sempre demorada, devido principalmente à dificuldade das comunicações. O edifício foi posteriormente e várias vezes acrescentado, à medida que ia crescendo o número de religiosas. Ao longo do claustro, para satisfação da devoção das freiras e ainda de outras pessoas, se construíram muitas capelas e oratórias, perfeitamente dispensáveis para o serviço religioso da comunidade. A Igreja primitiva, que tinha a Invocação de Nossa Senhora da Conceição e que era conhecida pelo nome de Conceição de Cima, passou a ser dedicada a Santa Clara (V. este nome), que foi a padroeira do mosteiro. Esta igreja também sofreu notáveis modificações com o decorrer dos tempos, tendo sido quase totalmente reconstruída na primeira metade do século XVII.

Os descendentes do fundador, que foram os capitães donatários do Funchal, e depois os condes e marqueses de Castelo Melhor, sempre se consideraram não só como padroeiros desta igreja e convento, como também os «eus legítimos senhores e proprietários, e ainda em Outubro de 1867 reivindicaram a sua posse e propriedade, registando-os na conservatória desta comarca, depois dum pleito judicial Intentado em 1862, em que demonstraram o direito que lhes assistia à propriedade do mesmo convento. Por ocasião da morte da última freira, podiam os marqueses de Castelo Melhor ter-se legitimamente apossado do edifício, o que não fizeram, por motivos que desconhecemos.

A primeira abadessa do convento de Santa Clara foi D. Isabel de Noronha, filha do referido João Gonçalves da Câmara, a qual, sendo freira do mosteiro da Conceição, em Beja, foi transferida para o Funchal com outras quatro religiosas profetas, depois de obtidas as necessárias licenças do pontífice. Com estas mães entraram no novo mosteiro, D. Elvira e D. Constança, igualmente filhas do donatário e que mais tarde foram profetas, e depois da

---

morte deste, ocorrida em 1501, também ali foi admitida outra sua filha de nome D. Constança, a qual, segundo diz Frutuoso, «sempre viveu santamente, não querendo ser freira professa porque sempre era enferma».

Das filhas do terceiro capitão-donatário Simão Gonçalves da Câmara foram ali religiosas D. Beatriz, D. Isabel e D. Maria de Noronha, «onde as meteo seu pay com boas rendas que para isso lhes aplicou e viveram sempre mui virtuosamente e santamente». Os outros donatários e os mais ricos e nobres fidalgos da Madeira tiveram muitas de suas filhas como religiosas deste convento.

Constituiu-se primitivamente a comunidade com um número reduzido de freiras, que foi aumentando sensivelmente, tendo cerca de setenta nos fins do século XVI. Por meados do século XVIII, o número de religiosas subia a 130, sendo 70 supranumerárias, muitas das quais não eram professoras nem tinham feito votos. No primeiro quartel do século XIX, estava este número reduzido a cerca de 70. O dote com que cada religiosa entrava por ocasião da sua admissão era de 800\$000 réis, além de outras despesas, o que tudo se computava aproximadamente num conto de réis, não sendo fácil às pessoas pouco abonadas em meios de fortuna fazer parte desta comunidade religiosa.

O primitivo fervor na observância das regras monásticas e a antiga austeridade de vida das freiras deste mosteiro foram a pouco e pouco esfriando e graves e reprehensíveis abusos se introduziram, tendo-se até praticado actos verdadeiramente escandalosos, em que a autoridade eclesiástica se viu forçada a intervir com a aplicação das mais severas penas canónicas.

Por meados do século XVIII havia no convento trinta criadas, e várias

---

---

religiosas havia que tinham uma criada só para seu serviço privativo, o que numa casa de vida apertada e austera, como deve ser um mosteiro, constituía um imperdoável abuso. Tempo houve em que o viver das freiras não se diferenciava da do resto da sociedade a que pertenciam, senão apenas na clausura que guardavam, vivendo encerradas dentro das paredes dum mosteiro. E até uma vez toda a comunidade em peso rompeu momentaneamente a própria clausura, que é o ponto mais apertado e mais grave da disciplina das casas monásticas, tendo o prelado diocesano e o Sumo pontífice fulminado contra as monjas as mais rigorosas penas da Igreja. Deram-se graves abusos, que depois severamente se coibiram, mas são, no entretanto, destituídos de fundamento os factos narrados no romance *Angela Santa Clara*, de Henrique Read Cabral.

Um dos acontecimentos mais importantes na história deste convento foi o que ali ocorreu por ocasião do saque que os corsários franceses deram a esta cidade em 1566. As freiras viram-se forçadas a abandonar o seu convento para não serem vítimas daquela horda de selvagens e, como diz G. Frutuoso, «sahiram por entre os cannaviais, e se acolheram e não pararam até ao seu Curral, que dista bom pedaço da cidade, e assim se foram, sem salvar nenhum ornamento, deixando tudo no mosteiro, salvo a custódia do Santíssimo Sacramento...». Os franceses permaneceram no Funchal, na sua faina de destruição e de matança, de 3 a 17 de Outubro e logo depois da sua saída desta ilha deixaram as religiosas o Curral, recolhendo-se ao seu convento na cidade. Os corsários fizeram ali a maior pilhagem e causaram grandes estragos na igreja e convento, praticando toda a sorte de vandalismos.

As autoridades civis e eclesiásticas deste arquipélago tentaram, por vezes, reunir numa só as duas comunidades de Santa Clara e da Incarnação, com o fundamento de ter a primeira abundantes recursos para se manter e de ser a

---

---

segunda um convento pobre e de escassos rendimentos, mas nunca conseguiram realizar a projectada reunião dos dois mosteiros, apesar de terem obtido um breve pontifício que a autorizava, devido certamente a poderosas influências que se interpuseram e que a isso obstaram inteiramente.

O convento de Santa Clara tinha, por meado do século XVIII, mais de sete contos de rendimento anual e, no ano de 1821, ascenderam a 14 contos as suas rendas, tendo neste ano um saldo negativo de dois contos de réis, devido à falta duma administração cuidada e zelosa. Em virtude das leis de desamortização, foram vendidos pela fazenda pública todos os bens deste convento, que eram avultados, ignorando-se o quantitativo do resultado dessa venda.

Por ocasião da extinção das ordens religiosas, tinha este convento pouco mais de sessenta religiosas, sendo a última sobrevivente Maria Amália do Patrocínio que faleceu no mês de Novembro de 1890.

Por decretos de 26 de Outubro de 1912 e 17 de Dezembro de 1914 foram o convento, igreja e cerca de Santa Clara concedidos à Câmara Municipal do Funchal, à Santa Casa da Misericórdia e ao Auxílio Maternal, a fim destas entidades construíssem uma avenida, um hospital e uma «creche», ficando a câmara de posse da igreja e coros destinados a um museu regional.

Pelo decreto de 12 de Março de 1896 foi o velho convento cedido à Congregação das Franciscanas Missionárias de Maria a fim de ser ali estabelecido um instituto de preparação do pessoal feminino destinado às missões religiosas das nossas colónias e também para a instalação dum colégio de ensino elementar e secundário para raparigas, de que havia grande falta no nosso meio. Os acontecimentos políticos ocorridos no nosso país em 1910, provocaram a expulsão daquelas religiosas, que imediatamente saíram

---

da Madeira, ficando interrompidos os excelentes serviços que aqui estavam prestando.

Os decretos de 91 de Outubro de 1912 e 22 de Setembro de 1913 concederam os edifícios do convento à Câmara Municipal do Funchal, & Santa Casa da Misericórdia e à associação de beneficência, «Auxílio Maternal», para os fins indicados nos mesmos decretos, chegando-se a demolir uma parte considerável do antigo mosteiro e praticando-se então actos de verdadeira destruição e vandalismo em todos os edifícios. Voltaram estes à posse do Estado, por não se haverem realizado as obras projectadas e não se ter preenchido o fim especial da concessão.

O decreto de 25 de Janeiro de 1927 e a portaria de 12 de Junho do mesmo ano autorizaram o Ministério das Finanças a ceder ao Ministério das Colónias as diversas dependências do extinto convento a favor da Associação Auxiliar das Missões Ultramarinas, com o destino especial de estabelecer-se nele um colégio de formação missionária para as religiosas que houvessem de prestar serviço nas missões das nossas colónias ultramarinas. A direcção desse colégio foi entregue às referidas Irmãs Franciscanas que, além disso, criaram no mesmo convento uma «creche», em que cerca de 400 crianças são recolhidas, alimentadas e educadas durante o dia, prestando-se deste modo um dos mais assinalados serviços que entre nós se está dispensando à pobreza da Madeira.

**Convento de São Bernardino.** Foi o primeiro convento que nesta ilha se fundou fora do Funchal. Pertencia à ordem franciscana e tinha por titular a S. Bernardino de Sena, um dos grandes santos da mesma ordem.

---

---

Ficava situado na freguesia de Câmara de Lobos em lugar ermo e solitário e a certa distância da igreja matriz. Teve uma humilde e obscura origem, mas tornou-se depois célebre e afamada em toda a ilha, e parece que até no continente do reino, por ter ali vivido e morrido um varão de assinaladas virtudes, por nome Fr. Pedro da Guarda, a que o povo chamou e chama ainda o Santo Servo de Deus. Tornou-se por isso, um centro de atracção para muitos devotos e romeiros, que vinham dos mais distantes lugares da ilha invocar a intercessão do santo e humilde franciscano. Com a extinção das ordens religiosas e a atitude do vigário capitular e governador do bispado António Alfredo de Santa Catarina Braga, esfriaram e diminuíram estes preitos de devoção e piedade, mas não se extinguiram de todo porque, ainda todos os anos, um número considerável de indivíduos procura a sepultura onde foram depostos os restos mortais de Fr. Pedro da Guarda. Nada mais dizemos aqui a respeito da sua vida, virtudes e culto que se lhe prestava, porque lhe consagraremos um artigo especial.

Fr. Gil de Carvalho, humilde frade franciscano, veio do continente do reino para a Madeira, quando os religiosos, que ocupavam o hospício de S. João, acabavam de sair desta ilha e foram estabelecer uma comunidade nas proximidades de Lisboa. Desejando, diz o anotador da História Insulana, Fr. Gil viver em lugar deserto como ermita, levantou um pequeno cenóbio com dois cubículos, em que habitavam João Afonso e Martinho Afonso, os quais esmolavam pelo povoado para a sustentação dos três.

Crescendo o número de religiosos, trataram de levantar um pequeno convento em terreno que lhes foi doado por João Afonso Correia, escudeiro do infante D. Henrique e sua mulher Inês Lopes que, nesta ilha, foram o tronco da casa Torre Bela. A nova casa erguia-se num sítio afastado da povoação, cercado

---

---

dum lado pela ribeira «do outro por uma rocha, sendo bem própria para o género de vida a que se dedicavam. Passados alguns anos se reuniram a eles outros religiosos, que formaram uma comunidade sob a direcção de Fr. Gil de Carvalho.

Volvidos muitos anos, entregou aquele religioso o governo do seu mosteiro a Fr. Jorge de Sousa, que muito concorreu para o seu engrandecimento. Uma enchente da ribeira havia alguns anos antes destruída a pequena igreja e uma parte do convento, tendo Fr. Jorge construído um novo e mais vasto templo, ao abrigo das correntes caudalosas da ribeira, e dando à comunidade a organização canónica duma verdadeira casa monástica, depois de ter melhorado consideravelmente as condições materiais do mosteiro.

A capela-mor da nova igreja foi fundada por Rui Mendes de Vasconcelos, filho de Martim Mendes de Vasconcelos e de Helena Gonçalves, filha de Zarco, e sua mulher Isabel Correia, que era filha dos doadores do terreno em que se tinha levantado o primitivo convento. João Bettencourt de Vasconcelos, neto do fundador da mesma capela e padroeiro dela, vinculou a terça dos seus bens para acudir às necessidades do convento, por testamento aprovado o 12 de Dezembro de 1607. A seu respeito lemos num antigo nobiliário: «...chamavam-lhe o Cavalleiro, de alcunha, nasceu no anno de 1535 e passou à índia no de 1580, por capitão da nau São Gregório; sucedeu nas terças de seus avós, por morte de seu irmão Ruy Mendes, e fez testamento aprovado em 12 de Dezembro de 1607, no qual deixou vinculada sua terça nas fazendas por cima de Câmara de Lobos e abaixo da quinta da Torre, e a deixou aos frades de São Bernardino, de cuja capela-mor foi padroeiro, como herdeiro do morgado dos ditos seus avós maternos, seus instituidores; faleceu em 12 de Julho de 1615». A capela-mor da igreja deste convento era o jazigo privativo dos descendentes dos fundadores e padroeiros dela e muitos deles

---

---

foram ali sepultados, sobretudo os sucessores na casa vinculada. A igreja do convento, que ainda está de pé, embora muito arruinada, tem gravado no alto do frontispício a era de 1763, que é certamente a data da reconstrução da mesma igreja.

Como fica dito, a igreja foi ampliada e reconstruída no ano de 1763, mas exposta ao maior abandono com a expulsão das ordens religiosas .entrou em rápida ruína, tendo sido inteiramente restaurada há poucos anos, devido aos diligentes esforços do respectivo pároco de Câmara de Lobos, João Joaquim de Carvalho. As dependências da antiga casa conventual também foram restauradas na mesma ocasião e nelas funcionaram, no período decorrido de 1931 a 1933, as aulas dos primeiros anos do curso de preparatórios do pequeno seminário diocesano, que foi extinto e incorporado no Seminário da Encarnação.

**Convento de São Francisco da Calheta.** «O convento de frades de S. Francisco, da Calheta, diz-se numa nota das Saudades da Terra, foi por meio de esmolas levantado cerca do anno de 1670, em terreno comprado pelo devoto Pedro Bettencourt de Athouguia, o qual, depois tomou o hábito de leigo no convento de S. Bernardino. E propriedade particular, porque foi vendido pela Fazenda Pública».

Era o mais modesto dos conventos da Madeira e teve sempre um número muito reduzido de religiosos. Era pequeno o edifício e também a igreja era de acanhadas dimensões.

---

---

**Convento de São Francisco do Funchal.** Os religiosos franciscanos instalaram-se primitivamente num modesto alojamento e numa pequena ermida adjunta, que levantaram no local onde hoje fica a capela de São João, na margem direita da ribeira do mesmo nome. Aí permaneceram alguns anos até que, por 1459, abandonaram o sítio e partiram para o continente do reino, onde estabeleceram uma comunidade em Xabregas, nos arredores de Lisboa. (V. Ordem Seráfica).

Por 1476 chegaram ao Funchal o franciscano Fr. Rodrigo de Arruda e alguns companheiros, que ocuparam o hospício de São João e ali organizaram uma pequena comunidade religiosa, em virtude dum breve do papa Sixto IV, concedido em 1476. Fr. Rodrigo, aproveitando as boas disposições dos habitantes da vila, tratou de levantar um convento no centro da povoação, sobre terreno pertencente a Clara Esteves, que em testamento o havia vinculado a favor de João do Porto, seu parente, cedendo os religiosos, em troca, o seu hospício de São João e obrigando-se ainda a celebrar uma missa cantada anual em dia de Todos os Santos, o que tudo foi autorizado pela infanta D. Beatriz, como tutora de seu filho o duque D. Diogo, grão-mestre da Ordem de Cristo, a que esta ilha pertencia. Dizem as Saudades da Terra que a causa da mudança foi «porque o lugar era ermo e nelle um frade, por induzimento do Demonio, que sempre urde semelhantes teyas se enforcou, estes religiosos ordenaram huma casa em baixo, na villa, do Funchal, em chãos e terras defronte de Santa Catharina, além da ribeira, onde hora (1590) está fundada uma das melhores casas desta ordem que a Província tem em Portugal; o qual convento é de observância, tão sumptuoso como fresco, em que sempre estão perto de cinquenta frades, muito letrados, religiosos de virtude e exemplo, quanto se pode achar no mundo.

---

---

Não foi Clara Esteves a fundadora deste convento, como alguns têm erradamente suposto, pois que já era falecida à data da fundação, e foi o primeiro administrador do vínculo por ela instituído que fez a transacção, da troca com os franciscanos, o qual também em coisa alguma contribuiu para a dita fundação. Os verdadeiros fundadores desta casa monástica, modesta na sua origem e que só mais tarde se tornou um importante mosteiro, foram Luís Alvares da Costa e seu filho Álvaro da Costa no ano de 1473, como se vê da inscrição em letras góticas que se encontra na respectiva lápide tumular, removida em 1865 para o cemitério das Angústias (V- este nome), onde ainda hoje se acha. Nesta pedra sepulcral lê-se: Aqi JAS LOIS ALVARES DA COSTA Q ~ FVNDUO ESTA CASA. NA ERA de 1473 e SEV F° FRANCISCO AALVARES DA COSTA PROVIDOR E VEDOR DA FAZENDA NESTAS ILHAS DA MADEIRA.

O terreno que pertencia a Clara Esteves foi acrescentado com uma grande horta que Maria de Atouguia, neta do fundador, doara em testamento aos religiosos franciscanos.

Teve primitivamente o convento uma pequena igreja, que foi depois acrescentada e reconstruída, sendo esta sagrada a 4 de Março de 1554 pelo bispo espanhol D. Sancho Truxillo, que viera temporariamente exercer funções episcopais nesta ilha. O convento e igreja sofreram ainda grandes reparos e novos acrescentamentos pelos anos de 1578, sendo guardião o franciscano Fr. Diogo Nabo. A esta época se referem as seguintes palavras de Frutuoso: «...tem uma egreja muito lustrosa... em a qual ha outo capellas mui ricas e... grande cerca...».

Apesar deste templo não ser pequeno, foi considerado de acanhadas dimensões para o movimento religioso da comunidade, que havia aumentado consideravelmente, para a grande frequência dos fiéis e ainda para a

---

---

construção de novos mausoléus e jazigos particulares, tendo sido demolido em 1780, levantando-se no mesmo local uma nova e vasta igreja.

O tempo era um grande edifício de bela e sólida construção, cujo interior não havia sido ainda inteiramente acabado. Tinha apenas três quartos de século de existência, quando o camartelo demolidor o lançou à terra, e estava ainda em excelente estado de conservação, à parte as danificações que as intempéries e o abandono em que ficara desde 1834, inevitavelmente lhe causariam.

A sua conservação impunha-se. Se não havia necessidade de aplicá-lo ao exercício do culto, devera ter sido destinado ao nosso museu de arte. Pequenas terras de província, muito inferiores à nossa em população e em importância de toda a ordem, o têm. Modesto sim, mas seria o pequeno museu duma ilha perdida no meio do oceano. Inúmeros objectos se têm extraviado e perdido, que ali poderiam e deveriam figurar.

A. Igreja de S. Francisco era, como se sabe, o verdadeiro panteão de grande parte das mais distintas e antigas famílias deste arquipélago. Quase todas tinham ali os seus carneiros e mausoléus, alguns deles de ricos e belos mármores. Causa-nos hoje verdadeiro espanto e também uma legítima indignação que os representantes dessas famílias e, portanto, proprietários desses sarcófagos, deixassem arrasar essa, que, para eles, deveria ser uma necrópole sagrada.

O convento, que era antigo e estava muito arruinado, e o templo anexo, serviram de hospital, de prisão, de quartel, de tribunal e de asilo, sendo, por decreto de 7 de Novembro de 1844, cedidos à Câmara Municipal do Funchal para a construção dum edifício destinado à instalação dos tribunais. Nem tentativas se fizeram então para levar a cabo a realização: dessa ideia.

---

---

Em 1864, a Câmara do Funchal deliberou abrir concurso para a apresentação dum projecto e orçamento de um edifício destinado a acomodar os tribunais judiciais, os paços do município, a administração e a recebedoria do concelho, tendo escolhido a cerca do convento de S. Francisco, como o local mais apropriado para a sua construção.

Revestiu a maior solenidade o lançamento da primeira pedra dos novos paços do concelho. No dia 11 de Março de 1866, saiu da Sé Catedral um luzido cortejo, presidido por D. Patrício Xavier de Moura, prelado diocesano, e em que se incorporaram a câmara municipal, as autoridades superiores do distrito, funcionários públicos e outras entidades oficiais, dirigindo-se todos há cerca do convento de S. Francisco e ali se procedeu, no meio dum enorme concurso de povo, ao assentamento da pedra angular do edifício, cuja construção não passaria nunca dos alicerces. Na pedra angular, além das moedas do tempo, foi lançada uma placa de metal, que tinha gravada a seguinte inscrição: *Senatus Funchalensis Hanc Sibi Curam Suis Sumptibus Aedificavit Qua in Eadem et Jus Dicatur Hunc Lapidem in Hujus Optalissimi Operis Auspiciis D. Patritius Xavier de Moura regnante Ludovic. I Die Quinto Idus Martius Anno MDCCCLXVI Astante Eodem Senatu et omnibus Provinciae Magistra Magnae Civium Corona Deum Rite Precatus Posuit.*

A igreja e o convento foram demolidos. A população da Madeira não viu com bons olhos o arrasamento da igreja, e por vezes os partidos se serviram desta circunstância, agitando-a como bandeira política contra os seus adversários.

Como já dissemos e todos sabem, os projectados paços do Concelho não passaram dos alicerces, tendo-se ali inutilmente enterrado alguns contos de réis.

---

---

Podia ter-se levantado a casa da câmara, que ficaria nas imediações da Igreja e esta poderia também ter-se conservado para servir de templo católico ou de museu, pois havia espaço de sobra para estas e ainda outras construções.

Como se sabe, o antigo convento e igreja de S. Francisco ocupavam os terrenos que actualmente formam o Jardim Municipal, as ruas de Hermenegildo Capelo, Serpa Pinto, Conselheiro José Silvestre Ribeiro e o espaço onde se levanta o Teatro Manuel de Arriaga. As ruas que ladeiam o Jardim Municipal, com excepção da de S. Francisco, são de construção posterior à extinção das ordens religiosas, isto é, ao ano de 1834.

**Conventos.** Como ficam atrás descritos» havia na Madeira quatro conventos de frades da ordem seráfica ou franciscana: S. Francisco, do Funchal, S. Francisco, da Calheta, Nossa Senhora da Piedade, de Santa Cruz, e Nossa Senhora da Porciúncula, da Ribeira Brava. Também da mesma ordem havia três conventos de freiras, todos no Funchal: Santa Clara, Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora da Encarnação. Destas casas monásticas apenas existem a igreja e parte do convento de Santa Clara e a igreja da Encarnação. Os jesuítas também tiveram no Funchal uma casa religiosa ou colégio, hoje servindo de quartel que existe ainda com a sua igreja adjunta.